

PHILIP BRYSON

MISERÁVEL MUNDO NOVO

UMA EPOPEIA DISTÓPICA
PARA FÃS DE «AVENTURAS
FANTÁSTICAS»



NUVEM DE TINTA

À Mary

Nesta história, o herói és tu. És tu quem decide tudo. Pondera. Não avances antes de pensar. Ou avança mesmo assim e sofre as consequências. As tuas regras. O teu jogo. O teu destino.

000

O mundo mudou muito nos últimos anos. Lembras-te da tua infância? Era um tempo em que os pais protegiam os filhos e tentavam decidir o que era melhor para eles: escolhiam-lhes a roupa, o que comiam, a melhor escola; as famílias passeavam de mão dada até ao parque da cidade. Recordas os risos e gritinhos de felicidade, mas tudo não passa de uma fotografia que, com o tempo, foi perdendo as cores. Havia uma harmonia construída e preservada por todos, com um Sistema que tinha em atenção as aspirações de cada um — todos os cidadãos mereciam respeito, pelo que eram, pelas suas motivações e pelo seu mérito; não dependia da farda que vestiam nem do título que lhes antecedia os nomes.

Bem, talvez a nossa memória nos traia. Talvez o passado não tenha sido assim tão idílico. Nunca foi. Nunca, em toda a nossa História, fomos capazes de construir algo tão perfeito. Talvez nas páginas dos livros e nos sonhos de alguns.

Tudo o que recordas e que te surge pintado em tons de felicidade foi antes da grande derrocada. Devíamos ter percebido que tempos sombrios se aproximavam quando começou a ser construído o muro: «Vamos erguer um muro tão alto, que do outro lado não conseguirão ver o sol.» Alguém tentou explicar ao homem que falava, que proferiu o discurso após a derrocada e que o tempo consolidaria como Imperador, que o sol não se deixava levar pelos

seus humores. Mas ele não queria ouvir isso. Nem nós. Segundo ele, precisávamos de nos isolar de todo o mundo para renascer de novo. Dinamitar o Sistema por dentro.

Esse discurso que ficou famoso como o «Discurso do Muro», e que o Imperador proferiu do topo do Parque Eduardo VII, foi largamente aplaudido pelas poucas dezenas de apoiantes (quase todos do partido) que ocuparam a relva e vandalizaram as proteções metálicas dos corredores. No entanto, dessas magras dezenas passámos para os gordos milhares e será agora estranho que um cidadão digno de boa credibilidade (eufemismo para cidadãos de bem, que é, por si, outro eufemismo) se isente de reproduzir (pelo menos) parte do que foi dito então. Poucos pisaram aquela relva, mas, hoje, todos garantem que lá estiveram.

Ideia louca ou não, o muro começou mesmo a ser construído. Primeiro, de forma quase tímida, sem que déssemos conta disso. Ou, mais uma vez, talvez não quiséssemos preocupar-nos com aquele gigante de argamassa que pulava a altura das pessoas, depois das árvores, depois dos prédios mais altos. Ainda pensámos que seria apenas para fins decorativos. Tentámos sempre encontrar motivos para nos convencermos de que não seria possível um muro tão alto, que não permitisse ao sol passar de um lado para o outro. Muitos comentadores apareceram na televisão a plantar a ideia de que tudo não passava de uma futura estrutura, cuja magnitude e beleza apenas seria comparável às das pirâmides de Gizé ou da torre Eiffel: um monumento que, *hoje*, não oferecia contestação, mas que também não fora bem recebido quando servira de entrada para a grande exposição mundial que tivera lugar na cidade-luz. Este pequeno apontamento de História era sempre acompanhado de um sorriso breve e cúmplice, para nos obrigar a pensar que só podíamos estar errados, não havia motivo para ter medo do muro.

Nas redes, perfis falsos faziam a tese, a antítese e, claro, no final, ofereciam também a síntese. Insistiam na ideia do renascimento, de que era necessário começar tudo de novo. Seleccionavam e manipulavam imagens de injustiças que nos chocavam e que iam

semeando sentimentos de revolta no peito de todos. Uma onda de populismo tomou conta das conversas, do discurso político e da agenda mediática. E todos nos fomos identificando com as questões levantadas. Os populistas são certos a fazer o diagnóstico e o levantamento dos problemas. O grande drama é que têm sempre as respostas mais estúpidas.

A par desta louca construção em altura, a cidade também cresceu para debaixo da terra (embora, muitas vezes, a solução tenha sido criar linhas de ferrovia à superfície). Lisboa tem hoje um intrincado sistema de linhas de metro que leva os cidadãos praticamente a todo o lado. A primeira grande medida, apresentada então pelos comentadores como a melhor maneira de incentivar o emprego, dinamizar a economia, criar um conjunto de novos serviços e produtos que dariam acesso, a montante e a jusante, a novas profissões e novos sistemas de remuneração, foi a criação de 46 novas linhas de metro, algumas com muitas dezenas de estações, separadas entre si por não mais de 1143 metros. O limite? O muro, que tinha sido construído a umas boas dezenas de metros de profundidade, decepcionou uma linha existente antes da grande derrocada. Há quem diga que essa antiga linha de metro continua ativa e que constitui, inclusive, a única forma de abandonar a cidade. Ninguém percebeu, ninguém quis perceber, que o muro, que devia servir para impedir todos os males de entrarem na cidade, palavras do Imperador, era, na verdade, o que nos aprisionaria.

Esta rede de metro, por ser tão extensa, foi-se sobrepondo. Com o tempo, linhas diferentes serviam os mesmos destinos. Era importante continuar a construir, a ocupar quem tinha força para trabalhar, mesmo que a necessidade das novas linhas e estações fosse, no mínimo, discutível. Agora, é possível entrar na estação da praia do Guincho, um local muito frequentado pelas hierarquias elevadas do Regime (há quem diga que esta estação foi feita apenas para servir a casa de uma das amantes de uma patente do Regime), e chegar a Vila Franca de Xira (ou a Mafra ou a Setúbal) sem nunca sair do plano de metro que foi montado, um método

de comunicação complexo e difícil de decifrar, para uma população que não ultrapassa, números de hoje, meio milhão de pessoas. Eram muitas mais, mas o Sistema convidou (sabem bem o que isto quer dizer) a população a migrar para fora das suas fronteiras, fazendo uma redistribuição demográfica que permitisse evitar ajuntamentos, deixando apenas aqueles que considerava necessários ao novo Sistema que pretendia montar: por um lado, uma cauda longa de população que garantisse todos os meios, serviços e produtos de subsistência. Por outro, os senhores do Sistema e todos aqueles que pretendiam trazer para esta nova sociedade. Um plano de melhoria da espécie, assim achavam eles, onde apenas os mais brilhantes, dotados e preparados (ou muito ricos) tinham lugar. Uma utopia que recolheu o apoio de alguma comunidade científica comprada a peso de ouro (e com direito a todas as mordomias do Sistema, claro).

Com o tempo, o Partido do Povo (o Imperador não perderia a oportunidade de se apropriar da palavra que todos repetiam no discurso mediático) foi plantando em nós esta e muitas outras ideias. Todos fomos acreditando. E os que não acreditavam também não apresentaram resistência. Fomos deixando, permitimos e legitimámos que o monstro de argamassa tomasse forma. Mas o monstro de argamassa era apenas uma metáfora, um símbolo de tudo o que aí vinha. E o que aí vinha era bem pior do que a ideia de nos taparem o Sol que, diariamente, quisesse o Imperador ou não, nascia e fazia o seu percurso.

Os tempos, hoje, são sombrios.

A esta distância, só podemos perguntar-nos como pudemos ser tão cobardes.

Segue para **001**

001

Tocam à campainha e tu sobressaltas-te. Nunca sabes o que esperar do outro lado. Sentes que a tua vida é uma sucessão de momentos de medo e não de felicidade, como o Sistema te exige. Sentes que passas a vida a fugir: foges da polícia, foges dos fiscais, que são lestos a inscrever no Sistema tudo aquilo que o *chip* não regista (e não há muito que escape ao Sistema); sobretudo, foges de ti e do Isaac que existia antes da derrocada.

Tal como todos os outros concidadãos, tens um intercomunicador — um aparelho que é distribuído a todos, sem exceção, desde tenra idade. Esse intercomunicador é um pequeno dispositivo que te permite fazer pagamentos, consultar as tuas compras nos últimos quinze anos (desde que tudo se deu), averiguar o teu saldo de credibilidade. Mas também te deixa encomendar comida, frescos incluídos. É o cordão umbilical que une todos ao Sistema. Sem ele, serias preso e oficialmente declarado sem direitos. Ter o aparelho dá-te, pelo menos, a ilusão de que não é bem assim. Abres a aplicação da existência. Toda a tua atividade, independentemente dos outros indicadores, está medida em *livingstones*, a escala encontrada para calcular a subversão dos pensamentos, das intenções, do estado de espírito.

Cada passo, cada pensamento, cada intenção está registada nos dois milímetros de titânio colocados no cerebelo em local não operável e que podes consultar em milissegundos no teu intercomunicador. O que comeste, que linha de metro escolheste, a última vez que te despiste diante de uma mulher. O Sistema sabe tudo.

Por vezes, calças as sapatilhas e, apesar de o corpo já não responder como antigamente, sais para a rua e corres durante duas horas. 18 quilómetros. Bem longe dos quase 30 que antes te orgulhavas de fazer no mesmo tempo. Quando terminas o esforço, o Sistema prepara um registo que fica armazenado nos serviços centrais e se junta ao teu ficheiro. Podes consultá-lo no intercomunicador. Número de passos, velocidade média, frequência cardíaca, quantas

vezes pensaste em fugir dali (menos um ponto de cidadania), quantas vezes pensaste que já foste feliz (outro ponto a menos, a sociedade é obcecada com a ideia de felicidade plena).

Hoje não pensaste em matar o Imperador. Sorte a tua, que não perdes toda a credibilidade (todos os pontos de cidadania) e não tens de seguir para as aulas de reinserção social, mais um eufemismo que não passa de uma expressão oca de sentido. Na última vez que o Sistema te quis reeducar, ficaste seis semanas fechado naquela sala minúscula, com uma porta de metal, sem janelas. Desde então que não suportas o som da campainha.

Se decides atender a porta, vai para **202**

Se decides ignorar e fugir pela janela, vai para **069**

002

— Só estou a propor uma troca justa: tu queres saber para que serve o mapa, eu quero um objeto bonito.

Desde que a população foi obrigada a andar de intercomunicador para todo o lado, já ninguém usa relógios. A não ser por saudosismo ou pura vaidade.

— Deixe-me. O meu maior erro foi ter-lhe dado conversa.

— Não. O teu maior erro foi teres aberto esse mapa; é uma sorte os fiscais não primarem pela inteligência. Se lhes dissesse que esse mapa te permitia entrar no edifício governamental sem ser notado, eles não acreditariam.

— Quem é você?

— Um amigo.

— Não disse que seríamos amigos só pelo preço certo?

O homem sorri, mas, antes que continues com o interrogatório, passa-te um outro mapa.

— Coloque este por cima do outro.

O mapa, colocado por cima do teu, revela mais uma linha. Uma linha que tem São Sebastião no centro de tudo. Aquela estação é mais relevante do que parece.

— O que é isto?

— É um segredo muito mal guardado.

— Que faz esta linha aqui?

— Esta é a linha que o Sistema criou sem dizer nada a ninguém.

— Como sabe tudo isto?

— Isaac...

— Como sabe o meu nome?

— Toda a gente sabe o teu nome.

— Quem é toda a gente?

— Toda a Resistência. Está melhor assim?

Ponderas negar.

— Mas como sabe o meu nome? Como sabe que sou da Resistência?

— Além da pequena incisão na cabeça? Parece que acabaram mesmo de te extrair o *chip*.

Sentes-te ridículo. Ele percebeu tudo na hora.

— Mas o principal não foi isso. A Alice passa a vida a mostrar a tua fotografia.

— A Alice, qual Alice?

— Ora, a Alice, a tua filha, quem mais poderia ser?

Vai para **092**

003

Sabes que é uma mera questão de tempo. Eles conseguem monitorizar cada pensamento, cada movimento (na verdade, estás surpreendido por ainda não te terem apanhado). É uma questão de tempo. Mas não vais desistir. Aconteça o que acontecer.

A vida, contudo, insiste em escapar ao teu controlo. Há coisas que não consegues antecipar. Como, por exemplo, dobrares a esquina que vês à tua frente, onde um grupo de pessoas se amonta e troca palavras, mas esconde sorrisos, e ver Mariana, aguardando-te, de intercomunicador na mão e perguntando-te aonde vais. Eras capaz de jurar que estavas pronto para tudo. Menos para Mariana. Então, não queres correr mais.

Vai para **391**

004

Lobo mete prego a fundo e, instintivamente, colocas o cinto de segurança. Ele conduz como um louco pelas ruas desta Lisboa adormecida. À medida que as portas, as janelas, as pessoas passam a grande velocidade diante dos teus olhos, apercebes-te de que esta já não é a tua cidade. Deixou de o ser há muito tempo.

Antes, perseguia-te um carro. Agora, já são dois. É claramente uma ação concertada e não pretendem ficar por ali. Sem surpresa, surge um terceiro carro, vindo de um cruzamento. Lobo desvia-se com habilidade, mas perde o controlo e embate de forma violenta contra um carro parado. O seu corpo é projetado e fica, certamente, em mau estado. Tu, por outro lado, estás incólume. Tocas no peito, nas pernas, tudo parece estar bem. Bom, mais ou menos. Dois jagunços do Sistema, depois três, quatro, dirigem-se a ti. Um deles abre a porta do carro e puxa-te para o chão. Coloca-te um saco em torno da cabeça e, taxativamente, ordena: *tu vens connosco*.

E tu vais. Para 024

005

Não acreditas numa palavra. Mariana, se era alinhada com o Sistema, não tinha razão para te salvar de manhã. Por que razão arranjaria todo aquele esquema para que, finalmente, te reencontrasses com ela, se não passava de uma agente do Sistema infiltrada na Resistência, assumindo a farsa de que só se mantinha como agente duplo para melhor poder gerir a Resistência?

— Dá-me alguns minutos para me recompor um pouco?

— Com certeza. Aceita uma água?

— Por favor.

— Pedirei aos guardas que lhe tragam um copo. Eu volto dentro de momentos.

É a tua oportunidade. Ele deixou a porta entreaberta e percebes que aquele corredor é vigiado por um guarda que se mantém à espreita.

Arrastas a cadeira na sala para que este venha no teu encalço, surpreendido pelo barulho. Antes que possa abrir toda a porta, dás-lhe uma pancada que o deixa inconsciente. Perfeito. Ele tem a tua estatura.

Se queres tentar a tua sorte e sair de imediato

— *o Inquisidor pode voltar a qualquer momento* —, vai para **359**

Se vestes a roupa do guarda, vai para **115**

006

Nunca pensaste que as pernas e o peito de corredor te pudessem dar tanto jeito. Corres a toda a velocidade no jardim, enquanto as aberrações avançam no sentido da Fundação. Passas por uma delas, mas esta mantém o ar vítreo. És um inseto. Ela não está preocupada contigo; o seu objetivo é atingir a Fundação. Mas tu reconhece-la: é Lázaro, um antigo colega do hospital com quem te costumavas dar: um tipo muito educado, meio introvertido, com pouco jeito para falar, que tinha no ginásio o único *hobby*. O mais correto talvez seja dizer que tinha no ginásio o seu único refúgio. O primeiro pensamento é ires ter com ele. Mas agora não é altura para amizades, até porque o mais certo era ele não te reconhecer. Continuas a correr. Mas a curiosidade é muita e olhas para trás. Vês duas coisas: um guarda que se aproxima das aberrações e é esmurrado com violência. Segunda, o edifício da Fundação começa a transformar-se. Do solo, surgem portas basculantes. As janelas do edifício estão cobertas com uma proteção metálica, uma cobertura imensa que desce do topo até transformar toda a Fundação numa espécie de ovo metálico, uma arca de Noé dos tempos modernos. Ali, em plena Lisboa. Todo aquele espetáculo impressiona. Nunca te ocorreu que a Fundação pudesse ter acautelado um escudo para uma situação como a que estão a viver. Distrais-te enquanto vês que as aberrações, como autómatos, investem sobre a cobertura que se levantou. Há um estrondo imenso provocado pelas investidas das aberrações (claramente, são sobre-humanos), mas a estrutura parece não ceder. Distrais-te de tal forma, que não te dás conta de dois pequenos degraus e estatelas-te no chão.

— Levanta-te — ordena um camarada que, entretanto, se aproximou de ti. Andas em círculos pelo jardim e nem te dás conta de que estás na extremidade oposta ao que deveria ser o ponto de encontro. Nada parece correr bem, o Sistema rapidamente se recompôs. A sobrecarga energética foi sol de pouca dura; prometeram-lhes

meia hora. Mas o efeito não durou mais de uns minutos. E ainda não deixaste de pensar em Lázaro.

Se decides ir para o ponto de encontro, vai para **137**

*Se decides tentar impedir as aberrações de entrar na Fundação,
vai para* **271**

007

Um dos homens leva-te pelo braço à bruta. E nem acham estranho que conserves a outra mão dentro do casaco. Amparas, dentro do bolso, a embalagem de detergente, mas eles nem se apercebem. Estão demasiado inchados com a sua caça. Mentalmente, pensam que vão brilhar diante das hierarquias. Talvez aquela detenção lhes dê direito a uma semana nos hotéis do Sistema, com empregados de fardas limpas a servirem-lhes sumos de romã junto à piscina. Tu vais pensando que hás de voltar à prisão onde estiveste nas últimas horas. Não sabes se aguentarás outra sessão de tortura. E agora será mais difícil que Isaac te possa defender. Meio perdido, ficas sem saber o que fazer. Ao longe, vês a enorme fonte que foi criada logo após a grande derrocada. Pessoas acumulam-se para sentir o fresco das águas a afagar-lhes o rosto. São figurantes do Sistema, toda a gente sabe; são ali colocados para darem um ar de normalidade à paisagem. E à vida. Tiram fotografias com o intercomunicador, algo que os cidadãos deixaram de fazer. O sistema armazena todas as fotografias que são tiradas pelo intercomunicador, o que rapidamente desincentivou a prática das *selfies*, costume que, de resto, se tornou obsoleto, com a introdução da nova tecnologia que permite fotomapear tudo o que vemos, isto é, a possibilidade de tirar um *frame* e vê-lo em várias dimensões.

A fonte criada tem inspiração na que o Imperador viu em Roma. Quis uma igual, mas, onde existiam deuses, colocou-se a si mesmo e a todos os generais que com ele estavam quando foi feito o grande discurso pós-derrocada. Onde estavam cavalos, ele quis dragões e leões alados. E água, muita água, com uma enorme pressão, sempre a correr.

Se ao olhar para a fonte crês que te consegues ver livre do homem e fugir naquela direção, vai para **390**

Se preferes não levantar ondas e continuar, vai para **024**

008

A tua decisão é irrevogável. Não vais incluir mais pessoas no plano do que aquelas que são indispensáveis. Sabes o que fazer e, no fundo, tens noção de que, se fores capturado, torturado, e o teu corpo for dado a comer aos peixes, ninguém vai sentir a tua falta. Sais da sala sem dares margem para negociação com ninguém e passas apenas pela mercearia do quartel para levar uma embalagem de detergente. Mariana não te impediu de prosseguires. Porque percebeu o teu plano e não conseguiria uma manobra de distração melhor. E porque, por muito que lhe custe, tu és o elo mais fraco.

Vai para **234**

009

Continuas a espantar-te com a aparente normalidade do espaço. Esperavas, talvez, encontrar uma sala de controlo cheia de ecrãs que apontassem para os pontos de vigilância, com gente que monitorizasse os pontos de acesso, a eletricidade, os elevadores. Mas não: tudo o que vês é um banal escritório de trabalho, onde há duas secretárias, um computador em cada uma delas, poucas folhas e um lápis. As folhas brancas continuam incólumes; uma luz quente percorre o espaço. Parece ser agradável trabalhar ali. Chama-te, no entanto, a atenção um contorno retangular ao longo da parede, e percebes que há ali uma porta. Sem esforço, consegues passar para a sala seguinte. Outros te seguirão.

Vai para **194**

010

Agora, são uma só força. Os militares até aqui desavindos juntam-se a vocês. Mariana explica que estão ali para acabar com o Sistema.

— Estamos consigo — confirmam os homens.

— Alguém me consegue dizer o que nos espera?

— Mais um corredor e uma divisão como esta, cheia de homens.

A próxima sala é a antecâmara da sala de comando. Estão todos à vossa espera.

*Se decides avançar para a sala seguinte, vai para **161***

*Se preferes falar com os homens para obter mais informações,
vai para **080***

MISERÁVEL MUNDO NOVO

O treino de oficial graduado do Sistema transformou Mariana numa arma letal. Com apenas um movimento do corpo, desvia-se de ti, tornando toda a tua investida numa tentativa humilhante. Sorri condescendente e oferece-te a mão para te levatares. Aceitas, ridicularizado. Infelizmente, o Sistema não é tão condescendente quanto ela. Um *bip*, dois *bips*. Um feixe de luz atravessa a divisão e sentes o peito a arder. Foste neutralizado.

Um muro tão alto, que tapa o Sol. Uma Lisboa isolada do mundo com o seu próprio imperador. Um regime autoritário e violento que castiga quem tentar a revolta. Isaac, no entanto, não desiste e, com a ajuda de alguns rebeldes, tentará vencer a nova realidade. No entanto, na distopia *Miserável Mundo Novo*, é o leitor quem toma as decisões difíceis, escolhendo o caminho pelo qual os heróis avançam, à semelhança dos clássicos «Aventuras Fantásticas».

A pergunta é: conseguirás vencer o Imperador?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789897843426



9 789897 843426 >